

TROUILLOT, Michel-Rolph. Silenciando o Passado: Poder e a Produção da História. Curitiba: Huya, 2016, 263p.

FÁBIO ZUKER

Universidade de São Paulo, São Paulo, São Paulo, Brasil

DOI 10.11606/issn.2316-9133.v28i1p319-324

Poder e silenciamento: uma contra-história da história

Quantos de nós podemos imaginar alguma população não europeia sem o pano de fundo de uma dominação global, que agora nos parece predeterminada? E como poderão o Haiti ou a escravidão ou o racismo ser mais do que meras notas descabidas no rodapé dessa ordem narrativa? (TROUILLOT, 2016, p. 173).

Começar uma resenha com uma citação do próprio autor do livro a ser resenhado é algo um pouco incomum. Entretanto, essas duas questões, levantadas por Trouillot no terceiro capítulo de *Silencing the Past: power and the production of history* condensam alguns dos principais questionamentos da obra do historiador e antropólogo haitiano. Nelas estão contidas reflexões sobre a própria forma pela qual a história se faz, que inclui, da construção das fontes à própria escritura da história, passando pela formação de arquivos e de narrativas, diversos mecanismos de silenciamento. Silenciamentos esses que não podem ser compreendidos senão pelas lógicas de exercício do poder, em que grupos em disputa contribuem de maneira desigual às construções narrativas sobre “o que aconteceu”, por terem acesso desigual aos meios de produção da história.

Uma das características mais marcantes do livro é a forma pela qual é escrito: fluido, sem rebuscamentos desnecessários ou citações extenuantes, com um conteúdo amplo e erudito alinhado a experiências pessoais do próprio autor. Uma perspectiva de crítica historiográfica escrita não apenas através da história do Haiti, mas à contra-pelo (BENJAMIN, 1940) das versões predominantes da história haitiana e o lugar a ela resguardado nas histórias das revoluções - inclusive aquelas predominantes no próprio país

caribenho. O historiador trinitário-tobagense C. L. R. James argumenta, ao longo de sua obra sobre a revolução haitiana *Jacobinos Negros*, que este evento singular na história mundial, a única revolução de escravos bem sucedida registrada nos anais da história - como não deixa de insistir Trouillot - força a própria ideia de revolução, tal como ocorrida na França metropolitana, a seus limites, expondo as suas contradições no tocante ao não reconhecimento da liberdade dos povos que a mesmíssima França subjugava. Talvez seja possível afirmar que a empreitada de Trouillot force os limites da própria forma de funcionamento da história, a partir do modo que se tem silenciado os diferentes acontecimentos que dão forma àquilo que entendemos sob o nome de Revolução Haitiana.

Para tanto, Trouillot adentra a oposição entre o que considera os dois modos predominantes de produção da história: de um lado, o influente positivismo, segundo o qual, em sua forma extrema, a história seria o estudo daquilo que exatamente aconteceu; do outro lado, uma visão construtivista da história, segundo a qual esta não passa de uma entre tantas outras narrativas possíveis, e igualmente válidas. Sua abordagem, afastando-se das duas posições radicais, parte da crítica aos próprios historiadores que embora reconheçam que a construção da história envolve processos sociais e as narrativas acerca desses processos, elaboram teorias da história tendem a privilegiar apenas um dos lados envolvidos.

A proposta de Trouillot é, então, de adentrar o próprio processo de construção da história como objeto de estudo, a partir do reconhecimento do duplo significado da palavra história: simultaneamente “aquilo que aconteceu” (que o autor denomina como história 1) e “aquilo que se diz sobre o que aconteceu” (que o autor denomina como história 2) - processo histórico e narrativa são ao mesmo tempo fenômenos distintos e que se sobrepõem. Assim, o livro lida com história no sentido de conhecimento, de narrativa, sem se furtar do debate acerca dos processos históricos. À usual reflexão historiográfica sobre o que é a história, Trouillot propõe um original giro antropológico ao indagar como a história funciona, ou seja, a forma e os processos e produções da narrativa. Com a sobreposição da história enquanto processo (história 1) e história enquanto narrativa (história 2) “poderemos descobrir o exercício diferencial de poder que viabiliza certas narrativas e silencia outras”. (Ibidem, p. 55).

Em quatro momentos distintos Trouillot identifica a atuação de formas de silenciamento: a) no momento da criação dos fatos (a formação das *fontes*); b) no momento de compilação dos fatos (a formação dos arquivos); c) no momento de uma devolução acerca dos fatos (a formação de narrativas) e; d) no momento de atribuir um significado retrospectivo (a formação da história em si). Essa análise sobre a forma de funcionamento da história explorada até aqui concentra-se, majoritariamente, no primeiro capítulo do livro (*The Power in the Story* – traduzido por *O Poder na Estória*). Cada um dos capítulos seguintes se estrutura sobre a construção da história a partir da combinação de diferentes formas de silenciamento elencadas acima, tendo como premissa o acesso desigual aos meios de produção da história, isso é, o poder como constitutivo da própria forma da história.

Desse modo, o segundo capítulo (*The Three Faces of Sans Souci – As Três Faces de Sans Souci*, em português) se debruça sobre a conhecida, ao menos para os haitianos, história do Palácio de Sans Souci, nos arredores da cidade de Milot, para adentrar um silenciamento produzido pela própria historiografia haitiana acerca de episódios fratricidas entre os rebeldes durante o processo revolucionário, uma “guerra no interior da guerra”. Existe uma história oficial do Palácio de Sans Souci que envolve a sua construção após o término da revolução, já no início do século XIX, por Henri Christophe, rei negro do Haiti saído do regime de escravidão, até a sua destruição por um terremoto em 1842 que o converteu em ruínas. O que geralmente não se menciona é que o nome Sans Souci se refere a um homem preciso, Jean-Baptiste Sans Souci: importante líder militar haitiano que, ao longo do processo da revolução, recusou-se a estar subordinado aos franceses em um momento em que Toussaint L’Ouverture, Jacques Dessalines e Henri Christophe, os nomes mais conhecidos da revolução, o fizeram. Sans Souci decide continuar a luta pela revolução, resistindo sozinho com suas tropas. Quando a luta contra a metrópole é retomada por Dessalines e Henri Christophe (Louverture fora feito prisioneiro e enviado à França), Sans-Souci não aceita as patentes militares que conferiam superioridade a Henri Christophe e este último termina por assassiná-lo. Por fim, um outro fato silenciado pela história de Sans Souci é a homonímia entre o palácio haitiano e aquele construído em Potsdam, por Frederico, o Grande, da Prússia.

Assim os silenciamentos ao redor das histórias do palácio constituem um campo privilegiado para Trouillot traçar seu argumento sobre os sentidos e os processos de produção da história. Quase todas as referências ao Palácio de Sans Souci terminam por silenciar Sans Souci como pessoa e seus feitos militares, o que lhe permite a Trouillot especificar de que modo o silenciamento é inerente à história, já que tudo aquilo que se torna fato exclui tudo o que não se torna de poder tornar-se. Henri Christophe assassinou Jean-Baptiste Sans Souci duas vezes, argumenta Trouillot. A primeira constitui o seu assassinato físico, a segunda o assassinato de sua memória e de seu futuro, ao nomear o seu palácio com o nome do seu inimigo, simultaneamente excluindo-o da própria história de Henri Christophe.

Para Trouillot, Sans Souci é a epítome da “guerra no interior da guerra”, a guerra fratricida que os historiadores haitianos durante décadas se relutaram em descrever. Um dos elementos que constitui esse apagamento é o fato de Sans Souci, o homem, ser o “Congo” por excelência - nome atribuído na época às pessoas escravizadas nascidas na África, e termo que segue tendo conotação pejorativa ao redor do Caribe. Trouillot termina o capítulo levantando uma questão desconcertante; se o preço da liberdade exigida pela radicalidade da Revolução Haitiana não seria justamente o silenciamento da dissidência, se pensarmos em comparação aos Estados Unidos que realiza a sua independência sem questionar a escravidão como base de seu sistema econômico.

No terceiro capítulo (*An Unthinkable History – Uma História Impensável*), o Trouillot lida com o silenciamento da Revolução Haitiana na história Ocidental. Segundo o autor, tratava-se de uma revolução inconcebível, impensável, mesmo enquanto acontecia. Para desenvolver o seu ponto, Trouillot parte de uma reflexão acerca de como a Europa branca, inclusive aquela que defendia a Revolução Francesa, entendia ontologicamente o lugar de pessoas negras, como incapazes de realizarem uma revolta e de se organizarem em um governo para garantir a sua liberdade. Essa visão acerca do outro é constitutiva da forma como a Revolução Haitiana é apreendida enquanto acontece, e da forma como entra para a história. Não se trata, assim, de afirmar que os europeus do século XVIII deveriam ter visto a Revolução Haitiana de outro modo, defende Trouillot, e sim que eles ontologicamente não poderiam fazê-lo.

A Revolução Haitiana desafiou o que os mais radicais revolucionários na Europa poderiam conceber como possível - uma revolução impossível para aqueles que lhe foram contemporâneos, silenciada pelos historiadores que lhe sucederam. É a partir desse raciocínio que retornamos às perguntas com as quais essa resenha se inicia, acerca do lugar da Revolução Haitiana como uma nota de rodapé nos anais da história. Trouillot argumenta que o que ocorreu no Haiti entre 1791 e 1804 “contradiz muito do que o Ocidente conta de si mesmo, para si e para os outros” (idem, p. 173). Por sua radicalidade, por desafiar a visão ontológica do europeu branco sobre os outros, mesmo diante da luta por autodeterminação do povo haitiano, por ir à contracorrente de movimentos que lhe antecederam e sucederam, e pelo acesso desigual aos meios de produção das narrativas históricas, à Revolução Haitiana é resguardado um lugar menor na história. “Aquilo que aconteceu” e “aquilo que se diz sobre o que aconteceu” se sobrepõem, no processo de silenciamento desse evento.

No quarto capítulo (*Good Day, Columbus*), por sua vez, Trouillot investiga a construção de um evento do qual existe uma abundância de fontes e narrativas, que ficou conhecido como “Descobrimto da América”, por Cristóvão Colombo. Se o modo como os eventos são nomeados já marca um campo político que delimita as possibilidades de narrativas históricas acerca “daquilo que aconteceu”, para compreender as transformações que permitiram que a chegada de um navegador genovês nas Bahamas, a serviço da coroa de Castela se transformasse em “O Descobrimto da América”, Trouillot empreende uma análise da lógica dos grandes eventos de celebração do quarto centenário da chegada de Colombo, em 1892. Marcados pela disputa entre o crescente poderio estadunidense sobre o subcontinente latino americano e a perda de espaço de influência espanhola, esses grandes eventos de efemérides celebrativas dizem mais a respeito de seu presente que do passado, e terminam por mitificar a história ao tentar criar uma narrativa para a população sobre quem ela é e qual a sua origem.

Por fim, o quinto e último capítulo (*The Presence in the Past*), se insere em um debate dos quais historiadores usualmente se abstêm, como Trouillot mesmo nota, acerca da autenticidade das formas de lidar com a história. O caso que o autor traz à tona para o debate é a proposta de criação de um parque temático da Disney na Virgínia acerca da escravidão

afro-americana. Para o Trouillot, a questão diz menos respeito à possibilidade de se representar ou não “corretamente” o passado, e sim se é autêntico, ou mesmo legítimo, diante das implicações morais implicadas, a criação de um parque de diversões com uma temática genocida. Desse modo, considera que o problema não se encontra exatamente na relação com o passado, e sim na desonestidade em relação ao que ocorre no presente: o repúdio à escravidão se torna um quase consenso, mas poucos questionam as formas de racismo contemporâneas à proposta de criação de tal parque de diversões.

Para finalizar essa breve resenha, talvez valha tentar levar a discussão levantada por Trouillot para outro lugar - um ponto que o autor não levanta explicitamente, mas que não parece entrar em contradição com a análise proposta sobre o funcionamento da história: o que seria adentrar o debate do autor sobre o apagamento “daquilo que aconteceu” incorporando uma perspectiva sobre “aquilo que pode ter acontecido” sem ter exatamente a relação de rastros e indícios que marca a produção historiográfica e a sua crença na existência de um mundo físico real. Tal argumento é desenvolvido em outros termos, por exemplo, por Chakrabarty (2000) sobre a agência de deuses indianos em movimentos políticos contra a colonização britânica, e por De la Cadena (2016), a respeito dos equívocos envolvidos nas lutas por terras por populações indígenas na região de Cusco, em que para os indígenas estava envolvida uma dimensão de agência de seres não-humanos como montanhas e rios – *Earth beings* como a autora os denomina. Explorar a dimensão ontológica daquilo que não necessariamente aconteceu, do ponto de vista dos indícios históricos, mas que aconteceu, para pessoas para quem o mundo é muito mais povoado do que aquele da racionalidade moderna (VIVEIROS DE CASTRO in: SZTUTMAN, 2008), pode ser uma forma relevante de herdar as reflexões de Trouillot no contexto sobre o silenciamento da vida e política de distintas populações.

A primeira edição em português da obra de Trouillot em português lançada em 2016, compõe a coleção coordenada por Omar Ribeiro Thomaz, e foi traduzida por Sebastião Nascimento.

Referências Bibliográficas

- BENJAMIN, W. Teses sobre o conceito de história. In: LÖWY, Michael. Walter WB: aviso de incêndio: uma leitura das teses "Sobre o conceito de história". Tradução das teses de Jeanne-Marie Gagnebin. São Paulo: Boitempo, 2005.
- CHAKRABARTY, Dipesh. Provincializing Europe: Postcolonial thought and historical difference. New Jersey: Princeton University Press, 2000.
- DE LA CADENA, Marisol. *Earth beings: ecologies of practice across Andean worlds*. Durham/London: Duke University Press, 2015.

JAMES, Cyril Lionel Robert. *Jacobinos Negros: Toussaint L'Ouverture e a Revolução de São Domingos*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2000.

SZTUTMAN, Renato (Org.). *Entrevistas com Eduardo Viveiros de Castro*. Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2008.

autor

Fábio Zuker

É doutorando pelo programa de Pós-graduação em Antropologia Social da Universidade de São Paulo.

Recebido em 07/08/2018

Aceito para publicação em 28/06/2019